

RESUMO - COM COMUNICAÇÃO ONLINE - GT 02: TEOLOGIAS
CONTEMPORÂNEAS E SOCIEDADE

**A FERIDA COMUM: CRISE CLIMÁTICA, JUSTIÇA AMBIENTAL E A
ECOANSIEDADE COMO DESAFIO ÉTICO-POLÍTICO CONTEMPORÂNEO**

Priscilla Dos Reis Ribeiro (priscilladosreisribeiro@gmail.com)

A crise climática tem emergido não apenas como um fenômeno físico, mas como uma crise existencial que atravessa a psique humana. A eco ansiedade, definida como o medo crônico de catástrofes ambientais e a preocupação persistente com o futuro do planeta, manifesta-se como resposta emocional a uma situação limite. Este artigo propõe uma análise que entrelaça a ecoteologia com a crise climática, na perspectiva da pauta da justiça ambiental e diante da emergência da eco ansiedade como questão contemporânea incontornável.

Tanto a ecoteologia quanto a ecopsicologia postulam que o bem-estar humano e planetário são reciprocamente constitutivos e por isso, a separação entre humanos e natureza não é apenas a causa da destruição ambiental, mas também fonte de alienação e sofrimento psíquico. Nesse sentido, a eco ansiedade não é uma patologia a ser medicalizada individualmente, mas um sintoma de uma ruptura civilizatória mais profunda onde a distorção de valores e a relação fraturada com a Terra mostra-se na sua face mais sombria.

A justiça ambiental oferece o horizonte normativo para essa análise, tendo em vista que os eventos climáticos extremos não afetam populações de forma equitativa e os desastres socioambientais decorrentes do capitalismo neoliberal

impactam desproporcionalmente comunidades periféricas, racializadas e territorialmente vulnerabilizadas. Como a eco ansiedade, não é apenas uma experiência individual, a ecoteologia conforme elaborada pelas teólogas indígenas Sofia Chipana e Jocabed Solano, contribui ao iluminar o aspecto libertador e comunitário da mesma, reinterpretando a vocação humana como serviço para toda comunidade de seres vivos.

O feminismo comunitário articulado por autoras como Lorena Cabnal e Julieta Paredes, oferece a esta análise a categoria do corpo-território em seu enfoque político que denuncia o fato de que a violência contra a terra e contra os corpos femininos é uma violência indissociável e a luta pela justiça climática é simultaneamente antipatriarcal e anticolonial. Para elaborar perspectivas futuras, recorro a Leda Maria Martins e seu conceito de “tempo espiralar”, pois a autora mobiliza conceitos como ancestralidade, memória e corpo como lugares de inscrição do conhecimento. Nessa chave, a crise climática não é apenas um fim iminente, mas um chamado ao retorno a formas comunitárias de vida, a epistemologias ancestrais e a uma relação com o território que integra passado, presente e futuro.

O presente trabalho contribuirá na sinalização de que a eco ansiedade pode ser transformada através do chamado à ação coletiva e à reconexão e a justiça climática pode sim emergir nesse contexto não apenas como pauta de equidade social, mas como projeto civilizatório que integra saúde mental, espiritualidade e política.

Palavras-chave: ecoansiedade; ecoteologia; justiça ambiental; feminismo comunitário; tempo espiralar.